


A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO: TRAJETÓRIAS SOCIAIS EM ANÁLISE¹

 <https://doi.org/10.56238/arev7n3-284>

Data de submissão: 27/02/2025

Data de publicação: 27/03/2025

Alexandre Aparecido dos Santos

Doutor em Ciências Sociais (UNESP)

Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: alesantos.professor@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5901-8262>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7033190348496522>

Rosangela da Silva

Doutora em Ciências Sociais (UNESP)

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

E-mail: rosangela.silva@delmiro.ufal.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6507-3601>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9850822168106987>

Darbi Masson Suficier

Doutor em Educação Escolar (UNESP)

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

E-mail: darbi.suficier@unesp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8476-9559>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3233794977063201>

RESUMO

Este trabalho apresenta parte de uma análise, sobre as relações entre os campos da mídia e o da política, que vem sendo construída a partir de um olhar antropológico sobre as práticas discursivas de agentes que, enquanto eleitores e consumidores dos bens simbólicos produzidos pelos dispositivos do campo midiático nacional, conferem materialidade as relações entre estes campos. O objetivo central aqui é estabelecer uma reflexão sobre as possíveis agências, que podem ser expressas por estes discursos sobre a política, em um movimento que visa entender se as práticas políticas de eleitores profanos, aqueles que não dominam as regras de funcionamento do campo político nacional, escapariam ou não às agendas políticas apresentadas pelos dispositivos do campo midiático. A presente investigação se justifica pelo grande número de trabalhos que, ao refletirem sobre as relações contemporâneas entre mídia e política, encaram de maneira uniforme os possíveis efeitos dos discursos midiáticos sobre seus consumidores, deixando assim de olhar para o ponto aqui proposto: a produção de sentido expressa pelo discurso político do eleitor. Por hora, apresentamos o momento inicial deste estudo que vem sendo desenvolvido junto ao eleitorado do município de Américo Brasiliense, cidade localizada entre três importantes centros econômicos e políticos do interior paulista: Araraquara, São Carlos e Ribeirão Preto.

Palavras-chave: Trajetória. Discurso. Política. Mídia. Eleitores.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP/Araraquara.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta parte de uma análise, sobre as relações entre os campos da mídia e o campo da política que tem por objetivo estabelecer uma reflexão que visa entender se as práticas políticas de eleitores profanos, aqueles que não dominam as regras de funcionamento do campo político nacional, escapariam ou não às agendas políticas apresentadas pelos dispositivos (Agamben, 2005) do campo midiático. O estudo aqui apresentado vem sendo construído a partir de um olhar etnográfico sobre as práticas discursivas de agentes, que enquanto eleitores e consumidores dos bens simbólicos produzidos pelos dispositivos do campo midiático nacional, conferem materialidade às relações entre estes campos.

Nesse sentido a presente pesquisa busca um distanciamento teórico de trabalhos que, ao refletirem sobre as relações contemporâneas entre mídia e política, encaram de maneira uniforme os possíveis efeitos dos discursos midiáticos sobre seus consumidores, deixando assim de olhar para o ponto aqui proposto: a produção de sentido expressa pelo discurso político do eleitor (Santos, 2019). Por hora, apresentamos o momento inicial deste estudo que vem sendo desenvolvido junto ao eleitorado do município de Américo Brasiliense, cidade localizada entre três importantes centros econômicos e políticos do interior paulista: Araraquara, São Carlos e Ribeirão Preto.

2 A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO

Ao assumir um olhar antropológico diante de nosso objeto teórico, enfrentamos inicialmente a questão: como trabalhar teoricamente nosso universo empírico, ou seja, como olhar etnograficamente para a diversidade de pertencimentos possíveis dentro do imenso grupo de agentes que não conhecem as regras legítimas que estruturam o campo político nacional, mas que, enquanto eleitores, podem participar das disputas que, teoricamente, norteiam os caminhos deste campo? O caminho que encontramos para equacionar essa questão empírica foi a construção de um recorte teoricamente possibilitado pela teoria dos campos sociais (Bourdieu, 2002).

Nesta perspectiva, pensar a sociedade enquanto um conjunto de campos sociais é entendê-la como um conjunto de espaços que estão em constante contato entre si, apresentando uma lógica de funcionamento similar no que diz respeito às disputas por poder e que, empiricamente, cada espaço tende a reproduzir as disputas simbólicas que estruturam e caracterizam o campo social a qual pertence, sem que isso os leve a uma descaracterização quanto a suas particularidades.

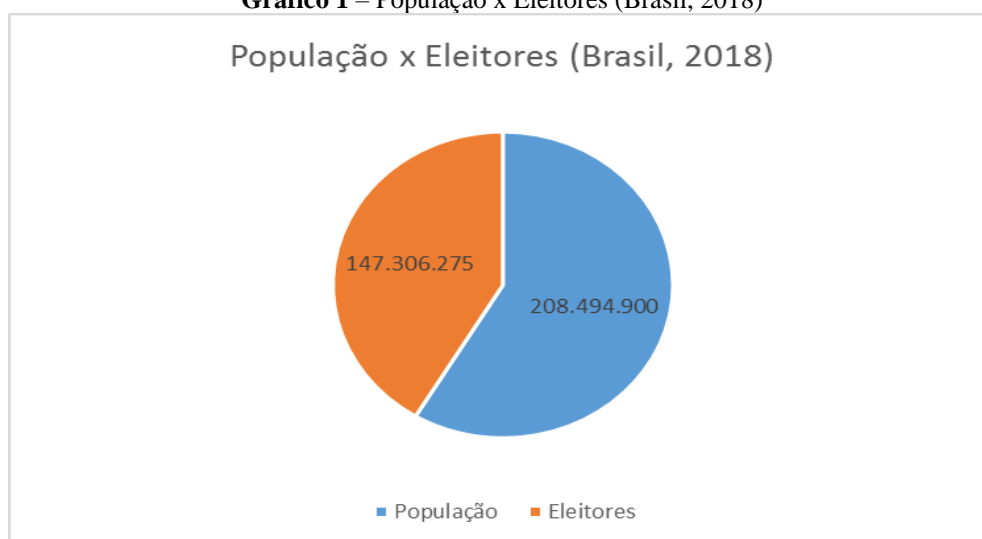
Foi assim que, diante da impossibilidade de trabalhar com o imenso grupo de eleitores que podem ser entendidos por profanos diante do campo político nacional, na medida em que não possuem

filiação partidária (130.503.186)², optamos por desenvolver nossa pesquisa junto aos eleitores do município de Américo Brasiliense, cidade do interior paulista com uma população estimada de 39.862³ pessoas, das quais 27.502⁴ são eleitores. Pensar a relevância do eleitorado deste município diante do eleitorado nacional a princípio soa como algo incoerente, porém ao encarar essa relação a partir da teoria dos campos sociais encontramos um quadro propício para a construção de nossa pesquisa.

O conjunto de gráficos que apresentaremos a seguir, elaborados através de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), tem como intuito ilustrar e fundamentar o recorte empírico deste trabalho. A dinâmica para essa apresentação trará o quadro do contexto nacional, enquanto campo político estruturado, seguido pelo quadro do município em questão, enquanto um espaço social dentro deste campo.

Ao iniciar nossa análise por uma associação simples entre o total de população e o total de eleitores já se fez possível vislumbrar as similitudes entre o campo político brasileiro e os diversos espaços sociais que o configuram.

Gráfico 1 – População x Eleitores (Brasil, 2018)



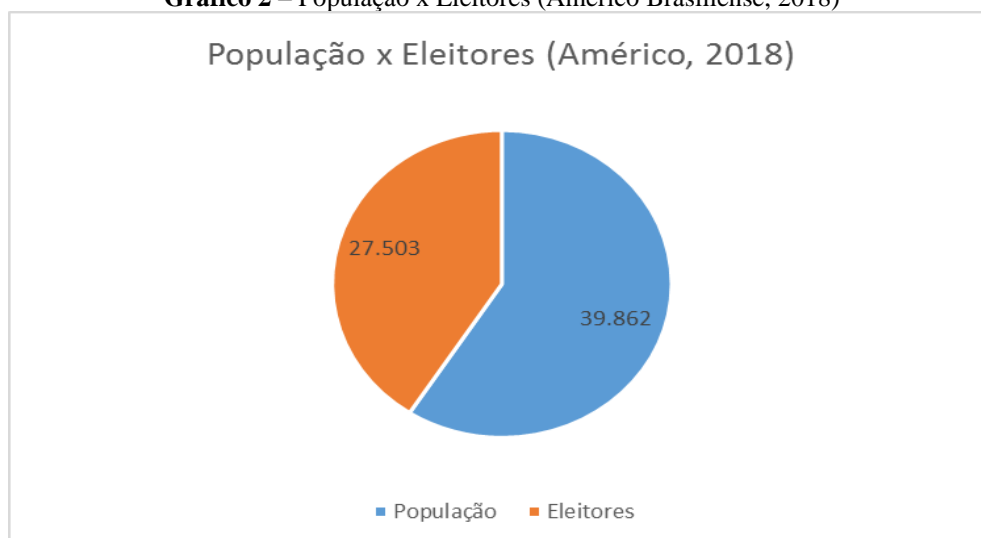
Fonte: Dados do autor, 2019.

² Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/filiados>

³ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/americo-brasiliense/panorama>

⁴ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/estatistica-do-eleitorado-por-sexo-e-faixa-etaria>

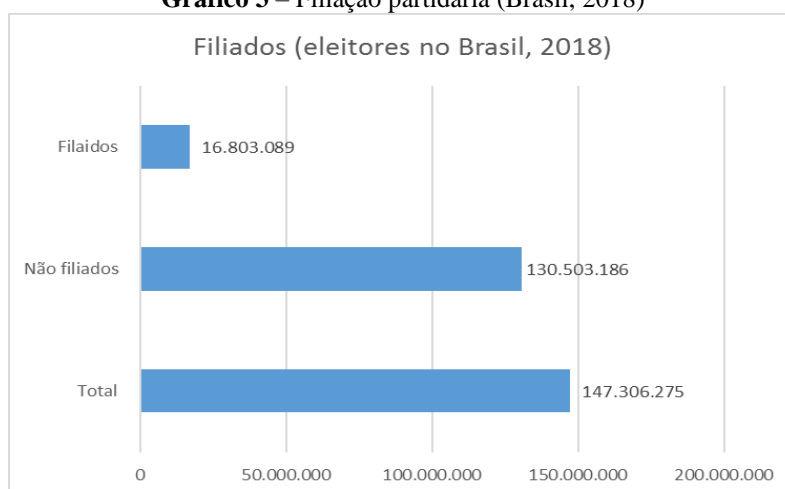
Gráfico 2 – População x Eleitores (Américo Brasiliense, 2018)



Fonte: Dados do autor, 2019.

A semelhança entre estes gráficos nos permite teoricamente justificar nosso recorte empírico, uma vez que o município de Américo Brasiliense – que se encontra entre os outros 4.904 municípios cuja população não atinge mais que 50.000 habitantes, condição que caracteriza 70% das cidades do país⁵ – pode, por semelhança e proporcionalidade, ser tomada em nosso estudo como representante da relação entre o campo político nacional e seus eleitores, sobretudo porque, ao olhar para a relação entre os eleitores que conhecem as regras do campo político, aqueles com filiação partidária, e os eleitores profanos ao funcionamento deste campo, aqueles sem filiação partidária, encontramos a seguinte realidade:

Gráfico 3 – Filiação partidária (Brasil, 2018)

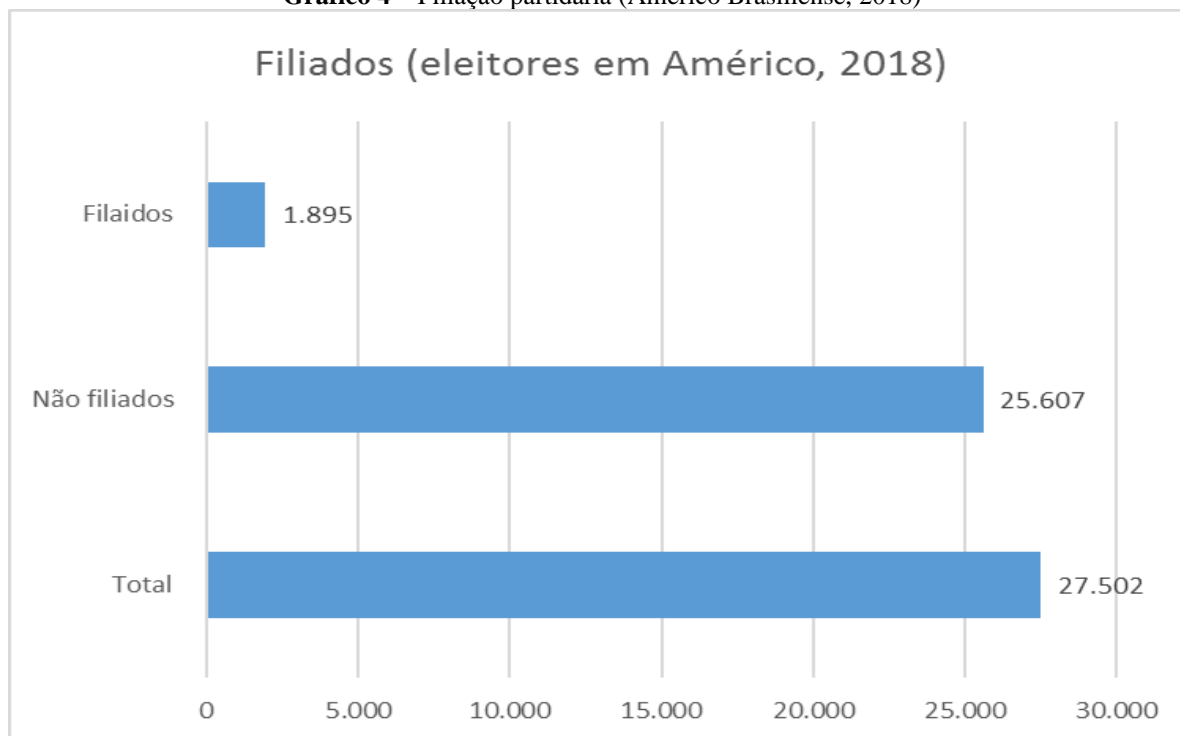


Fonte: TSE, 2019⁶

⁵ Dados disponíveis em <https://cidades.ibge.gov.br/>

⁶ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/filiados>

Gráfico 4 – Filiação partidária (Américo Brasiliense, 2018)

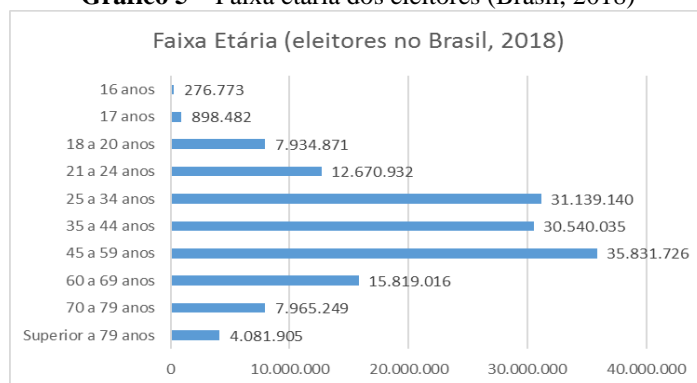


Fonte: TSE, 2019⁷

Uma vez que nosso estudo se constrói por um olhar antropológico, é necessário entender o conjunto deste grupo de eleitores em sua diversidade, ou seja, é preciso pensar sobre quem são estas pessoas nomeadas como eleitores, buscando compreender os significados que abrangem a categoria de eleitor.

Um primeiro olhar diante dessa diversidade também nos permite visualizar um outro aspecto das similitudes dos espaços que compõem o campo político brasileiro. Ao olhar para as idades destes eleitores, temos que:

Gráfico 5 – Faixa etária dos eleitores (Brasil, 2018)

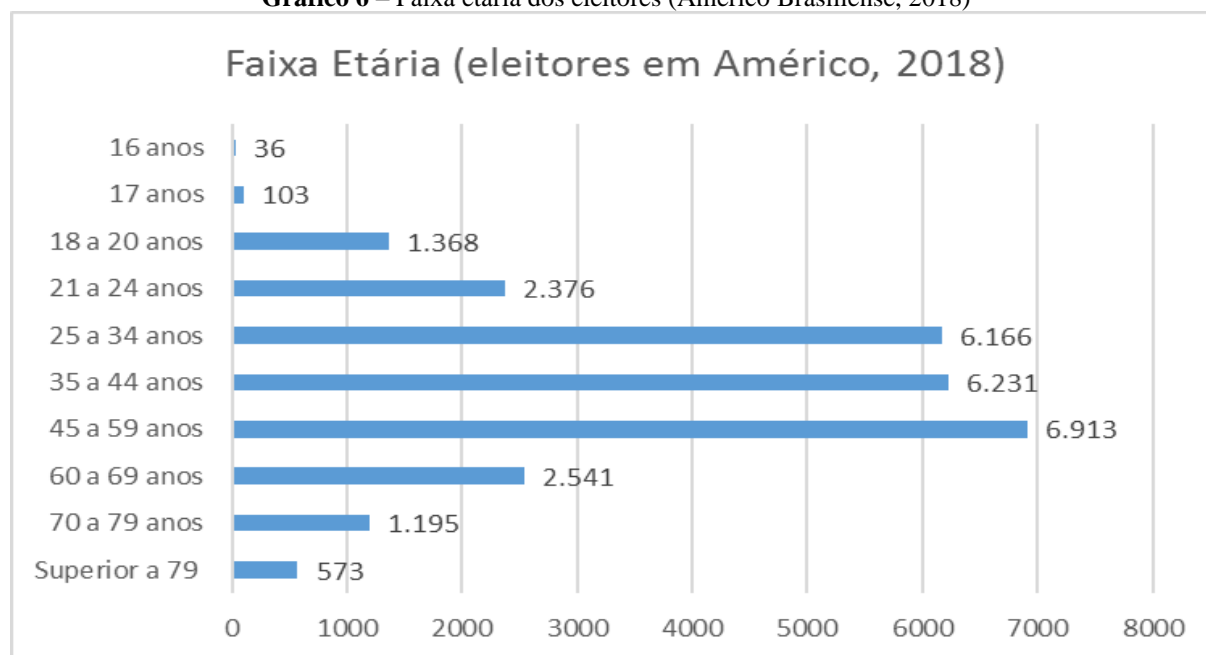


Fonte: TSE, 2019⁸

⁷ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/filiados>

⁸ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/estatistica-do-eleitorado-por-sexo-e-faixa-etaria>

Gráfico 6 – Faixa etária dos eleitores (Américo Brasiliense, 2018)



Fonte: TSE, 2019⁹

Quando aterrissamos ainda mais nosso olhar sobre a categoria eleitor, olhando por exemplo, para os seus diferentes níveis de escolaridades, se faz possível perceber toda a diversidade de pertencimentos e particularidades velada pelo uso desta categoria, e nos permite apontar mais um aspecto similar entre o espaço e o campo social que o engloba:

Gráfico 7 – Escolaridade dos eleitores (Brasil, 2018)

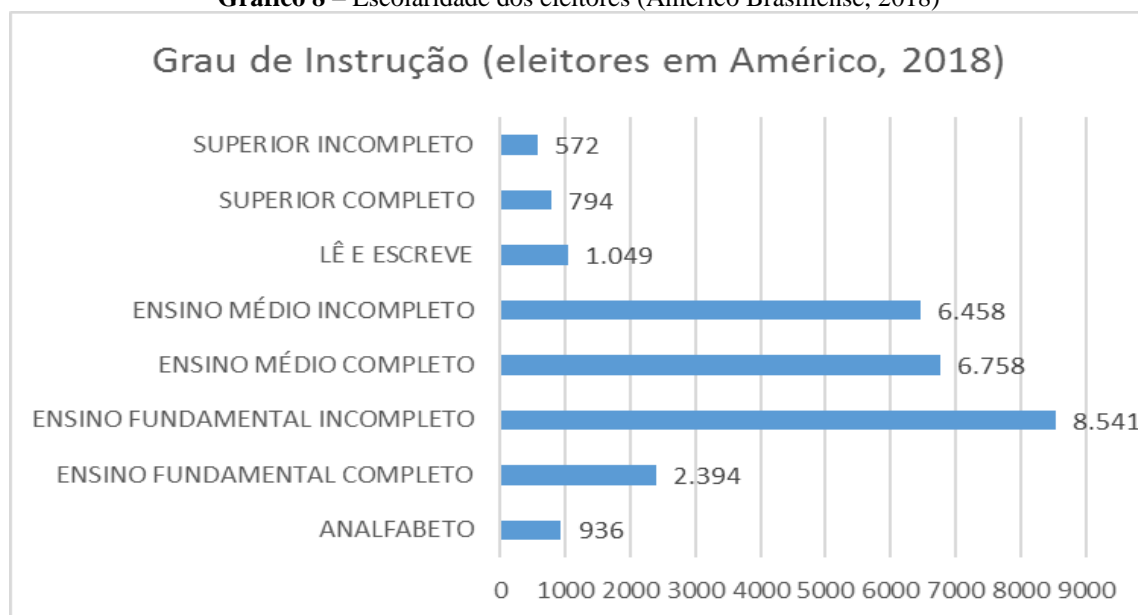


Fonte: TSE, 2019¹⁰

⁹ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/consulta-por-municipio-zona>

¹⁰ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/estatistica-do-eleitorado-por-sexo-e-grau-de-instrucao>

Gráfico 8 – Escolaridade dos eleitores (Américo Brasiliense, 2018)



Fonte: TSE, 2019¹¹

Nosso recorte empírico também reflete uma opção metodológica, uma vez que assumimos por pressuposto a ideia de que:

[...] a proximidade social e a familiaridade asseguram efetivamente duas das condições principais de uma comunicação "não violenta". De um lado, quando o interrogador está socialmente muito próximo daquele que ele interroga, ele lhe dá, por sua permutabilidade com ele, garantias contra a ameaça de ver suas razões subjetivas reduzidas a causas objetivas; suas escolhas vividas como livres, reduzidas aos determinismos objetivos revelados pela análise. Por outro lado, encontra-se também assegurado neste caso um acordo imediato e continuamente confirmado sobre os pressupostos concernentes aos conteúdos e às formas da comunicação: esse acordo se afirma na emissão apropriada, sempre difícil de ser produzida de maneira consciente e intencional, de todos os sinais não verbais, coordenados com os sinais verbais, que indicam quer como tal o qual enunciado deve ser interpretado, quer como ele foi interpretado pelo interlocutor. (Bourdieu, 1997, p. 697).

3 TRAJETÓRIAS SOCIAIS EM ANÁLISE

Uma vez realizadas (15) e transcritas (13) as entrevistas deste primeiro momento de campo, apresentamos a seguir como exemplo de nosso campo sete de nossos interlocutores, assim como os aspectos de suas trajetórias, estabelecidos em uma situação de escuta ativa e metódica (Bourdieu, 1997), permitem uma maior reflexão junto a nosso objeto de estudo. Essa apresentação foi construída de maneira textual, seguindo a ordem de realização das entrevistas, que foram realizadas a partir de março de 2018.

¹¹ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/estatistica-do-eleitorado-por-sexo-e-grau-de-instrucao>

A primeira desta série de sete conversas, com 1h00 de duração, aconteceu na casa do nosso interlocutor Ailton¹² de 30 anos. Nascido na região norte do país, filho de um funcionário público (ensino médio completo) e uma dona de casa (cursando o ensino fundamental).

Ailton é solteiro e mora em Américo há mais de 20 anos. Realizou o ensino fundamental e médio em escolas públicas da cidade. Atualmente possui dois cursos técnicos e uma formação superior na área em que trabalha. Grande admirador de futebol, Ailton mantém uma relação com a televisão e o rádio para acompanhar esse esporte. Ailton aponta a internet como fonte de informação em seu dia a dia, relação que ficou evidente quando falamos sobre os jornais:

Olha eu vejo bastante, é a gente pode falar de jornal eletrônico pela internet? [...] quando eu quero ver alguma informação ou alguma coisa assim, se é verdade senão é, se eu já ouvi, eu confirmo tudo, eu faço uma pesquisa na internet geralmente ou para entender alguma coisa assim, se está rolando sei lá alguma guerra ou alguma discussão política entre países, eu procuro na internet como primeiro meio de saber das informações. (Ailton, 30 anos).

Ailton demonstrou não ter uma grande confiança em sites informativos, motivo pelo qual ele sempre realiza pesquisas no Google quando quer ter acesso a alguma informação ou algum assunto mais específico:

Eu, a primeira coisa, eu jogo no G1, depois eu vou buscando outra, outras fontes para ver se elas cruzam, para ver o que elas falam. [...]. Eu procuro ver se está lá, porque geralmente as notícias elas são muito parecidas, mas sempre tem alguma coisa que eu não sei, eu sempre questiono, por que ele falou isso, eu quero ver se os outros lugares falam a mesma coisa. (Ailton, 30 anos).

Nossa segunda entrevista, com 50 minutos de duração, aconteceu na casa de nossa interlocutora Beatriz, de 35 anos. Natural de Américo Brasiliense, filha de um soldador (ensino fundamental incompleto) e uma artista plástica (ensino fundamental incompleto). Realizou o ensino fundamental e médio no sistema público e possui uma formação profissional em Solda.

Solteira e mãe de dois filhos, uma menina (cursando o ensino médio) e um menino (cursando o ensino fundamental). Atualmente cabeleireira, Beatriz é grande fã de novelas e seriados, mas não gosta de jornais: *Não. Eu não gosto muito de jornal. [...]. Porque ultimamente só mostra tragédia. Eu opto por não querer saber muito, não sou muito ligada em tragédia, sei lá eu prefiro uma coisa mais leve, não tem... não dou muita importância para jornal.* (Beatriz, 35 anos).

¹² Todos os nomes de interlocutores são fictícios.

Após a realização destas duas entrevistas foi possível identificar alguns pontos de distanciamento entre as linguagens, entrevistado e entrevistador, motivo pelo qual algumas adequações foram necessárias, sobretudo na maneira de utilizar o roteiro para orientar as conversas.

Assim, com uma linguagem mais assertiva, seguindo mais de perto a ideia de uma comunicação não-violenta (Bourdieu, 1997), realizamos nossa terceira entrevista, com 1h00 de duração, que ocorreu na casa de nosso interlocutor Carlos, de 34 anos. Natural da cidade de Matão, ele reside em Américo há 15 anos. Filho de lavradores (ensino fundamental incompleto), Carlos realizou o ensino fundamental e o médio em escolas públicas. Possui formação técnica em mecânica e profissionalizante em serralheria.

Carlos afirma não ter profissão. Atualmente solteiro, ele trabalha como mototaxista. Admirador de Rock, Rap e música clássica, Carlos também é fã de jornais e já foi assinante do jornal *O Estado de São Paulo*. Sobre sua relação com os jornais ele diz que:

Eu assisti muito, hoje eu desanimei um pouco pela quantidade de corrupção que você vê, mas geralmente eu acompanho muito jornal. [...]. Eu só não acompanhava três emissoras a Record, Globo e SBT. [Você não via essas emissoras?] Não, o jornal dessas emissoras, aliás nem a programação e nem jornais dessa emissora. [Então qual jornal você via?] Da TV cultura, aquela Record News achei bem interessante bem diferenciado, até tive assinatura uma época de televisão da Vivo, mas eu assinei mais por causa dos pacotes de jornais que tinha acesso. [Lá você tinha acesso ao que?] Aí tem os canais fechados de jornalismo né, tinha aquela, agora não vou lembrar o nome, mas tinha oito canais fechados de jornalismo, eu acompanhava eles muito. (Carlos, 34 anos).

Carlos não possui um convívio outro senão o do ambiente de trabalho, uma vez que trabalha 12 horas por noite todo o dia, motivo pelo qual suas amizades se limitam aos colegas do ambiente de trabalho. Ao falar sobre o que ele e os amigos fazem nesse convívio diário, ele disse que:

Há depende a situação, varia muito. Às vezes o cara pede ajuda no convívio dele no dia a dia entendeu, às vezes o cara chega... tem um exemplo, esses dias chegou um cara lá, o cara estava arrasado, deprimido com um problema lá... aí os caras chegam conversam, tentam ajudar de alguma forma, tentam ver se pode fazer alguma coisa pela pessoa. [Então vocês conversam bastante?] Bastante, isso no serviço, bastante, entendeu [...]. Sobre todos os assuntos. [Quais são os mais falados?] O único que não saiu até hoje, que eles debatem bem pouco, é política infelizmente. [Vocês não falam sobre política?] A maioria não gosta, sobre trabalho, sobre família. [Política não?] Política bem pouco, eu até tento conversar, mas... [Não tem com quem conversar?] Não tem, não tem, ou a maioria não tem informação ou não tem vontade, não tem interesse. (Carlos, 34 anos).

Carlos deixou claro seu interesse por assuntos políticos e quando questionado sobre onde ele encontra informações sobre esse assunto ele disse que:

Na mídia geralmente, eu falei para você quando eu tinha televisão assistia muito a TV Câmara, a TV Senado, hoje acompanho o G1, acesso o G1 para ver como está a situação no congresso, tenho essa mania de sempre estar olhando [Então você busca informações políticas na internet?] Isso na internet, na rádio na Uniara, eu gosto de acompanhar a câmara municipal, acho que toda a quarta-feira. [Você ouve as sessões da câmara?] Ouço as sessões da câmara, na medida do possível [Essa é uma prática que vem de antes?] Há muito tempo tenho essa mania, essa mania chata de ficar ouvindo essas coisas, dizem que eu sou louco mas..[Você acha que para o pessoal do seu trabalho falta isso, eles não buscam informação?] Olha do tempo que eu trabalho até hoje, vou falar para você, se juntar os dez dedos da mão para falar de alguém que se importava ou tinha algum conhecimento ainda sobra dedo. (Carlos, 34 anos).

A quarta entrevista, 45 minutos, foi realizada em um estabelecimento comercial de escolha de nossa interlocutora Daniela de 19 anos, natural de Américo Brasiliense. Solteira. Filha de um soldador (ensino fundamental incompleto) e uma auxiliar de serviços gerais (ensino médio completo/ técnica em R.H), realizou o ensino fundamental e o médio em escolas públicas. Possui formação técnica e hoje cursa o ensino superior em uma instituição privada.

Daniela trabalha há três anos como jovem aprendiz e por falta de tempo não tem uma forte relação com os meios de comunicação. Especificamente sobre jornais ela diz: *Há já escutei jornal heim.* [E hoje?] *Hoje não.* [Qual você ouvia ou assistia?] *O jornal Nacional.* [Com frequência?] *Sim porque meus pais deixavam lá né e o da Record.* [Hoje você não vê?]. *É por falta de tempo.*

Foi na quinta entrevista que os meios de comunicação apareceram de forma mais significativa. Esta entrevista, 1h10 minutos de duração, foi realizada na casa de um amigo do interlocutor Elias, de 44 anos. Natural de Américo Brasiliense. Borracheiro de profissão e filho de um tratorista (não escolarizado) e uma dona de casa (não escolarizada). Possui ensino médio completo (EJA) cursado em escola pública. Casado e pai de três filhos, uma menina (ensino médio completo) e dois meninos (cursando o ensino fundamental). Elias diz gostar muito de assistir televisão, como pode se ver:

Eu não tenho programa preferido, porque a televisão brasileira hoje, eu ai falar uma coisa aqui mas não vou nem falar (risos) é complicado as coisas... muito... assim quando eu era moleque eu gostava de assistir o balão mágico né, a Xuxa, não tinha era uma novidade, mas hoje 'veio' a televisão que é canal livre que a turma assiste, canal aberto, é Faustão e o Silvio Santos, se vai lá é cidade alerta, aquele programa de família é... mas rapaz a coisa é complicada... é mais um filme é... como as vezes... lá em casa eu tenho internet, eu olho no Google alguma matéria, mas é... YouTube, é entendeu então... canal aberto hoje é o futebol, assistir um jogo, é lógico que não gosta né, mas não tem aquela coisa de falar eu sou fã de novela, fã disso, não [...]. Quando geralmente eu consigo assistir, quando eu estou em casa, o Madalena, rádio, o jornal nacional... jornal eu vejo bastante, fantástico, que que possível quando eu estou em casa estou vendo, Bom dia Brasil, Bom dia São Paulo, o Jornal da Tarde, Globo Esporte. (Elias, 44 anos).

A sexta entrevista, 40 minutos de duração, foi realizada na casa de nosso interlocutor Fernando, de 54 anos. Natural de Américo Brasiliense, filho de um mecânico de manutenção (não escolarizado) e uma cozinheira (ensino fundamental incompleto). Mecânico de profissão, realizou o ensino

fundamental em uma escola pública e o médio em uma escola privada. Possui formação técnica na área em que trabalha. Iniciou um curso superior (estudou por dois anos) em uma instituição pública e também cursou dois anos de parapsicologia. Casado e pai de três filhas (Uma cursa ensino superior, uma possui ensino médio completo e uma cursa o ensino fundamental).

Fernando diz que atualmente sua relação com os meios de comunicação é quase nula, apesar de já ter assinado um jornal impresso, afirmando que hoje não tem contato com nenhum jornal, como pode se ver:

[Você lê, assiste ou escuta algum jornal?] Não, nenhum. [Porque?] Porque não aguento (risos) não consigo mais ler, sabe, porque é tudo a mesma coisa, você lê um... vamos supor, aconteceu um acidente lá em São Paulo, você joga num está falando do acidente, você joga no outro está falando do acidente, joga no outro está falando do acidente, mais caramba tudo no acidente porque não muda? Não tem outra coisa para ver? E é o dia inteiro entendeu. (Fernando, 54 anos).

Em nossa sétima entrevista, 40 minutos de duração, podemos perceber uma relação direta entre a trajetória social do agente e suas práticas diárias. A entrevista aconteceu na casa da nossa interlocutora Gabriela, de 51 anos. Professora por profissão e dona de casa há mais de 12 anos. Natural de um outro estado da região sudeste do país, reside em Américo Brasiliense há 15 anos. Filha de uma dona de casa (ensino fundamental incompleto) e um professor que antes fora policial militar.

Casada e mãe de dois filhos, um menino (cursando ensino superior) e uma menina (cursando ensino fundamental). Gabriela diz já não se interessar por questões da política como outrora e que isso é reflexo da mudança de sua situação, antes professora agora do lar. Aqui encontramos o assunto política ligado a um dispositivo midiático e diretamente mediado por sua trajetória:

[Você lê, assiste ou escuta algum jornal?] Jornal... eu assisto nem tanto, toda vez que ligo o jornal só tem notícia ruim, muita política... eu assim... estou muito relaxada nessa parte sabe... é engraçado... antes como eu dava aula, a gente tinha que ler mais e ver o que estava acontecendo... quando você vira uma dona de casa você relaxa, eu relaxei... perdi o contato, não gosto de falar de política... não gosto de saber o que está acontecendo... não... sinceramente... (Gabriela, 51 anos).

Sobre sua relação com as mídias de uma forma geral, Gabriela diz que:

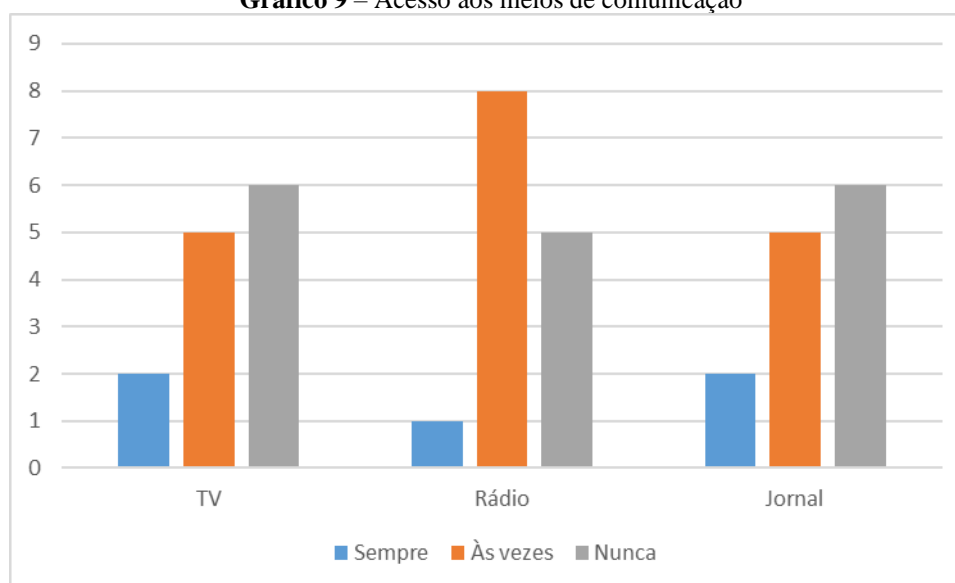
O rádio para mim... para te falar... não sei como que vou te responder isso... O rádio para mim faz bem! Faz voltar lá atrás... O Face (facebook) é mais para relaxar... E o jornal até que eu gostava quando tinha a tribuna, agora não tem mais, não compro jornal... tem tempo, tem anos que eu não leio um jornal... que eu pego um jornal e leio... então igual o que te falei o jornal nacional que às vezes eu assisto... quando você assiste só tem coisa ruim, é um matou o outro, roubou não sei o que... essa roubalheira da política... aí eu desanimado sabe. (Gabriela, 51 anos).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar nosso objeto, a relação entre o discurso midiático sobre política e o discurso político dos agentes profanos ao campo político nacional, a partir das trajetórias individuais de nossos interlocutores, foi possível identificar aspectos importantes como, por exemplo, a relação destes com os meios de comunicação que eles têm acesso.

Diante destes dados podemos perceber que os dispositivos midiáticos tradicionais já não ocupam um lugar significativo no dia a dia de nossos interlocutores, como pode se ver:

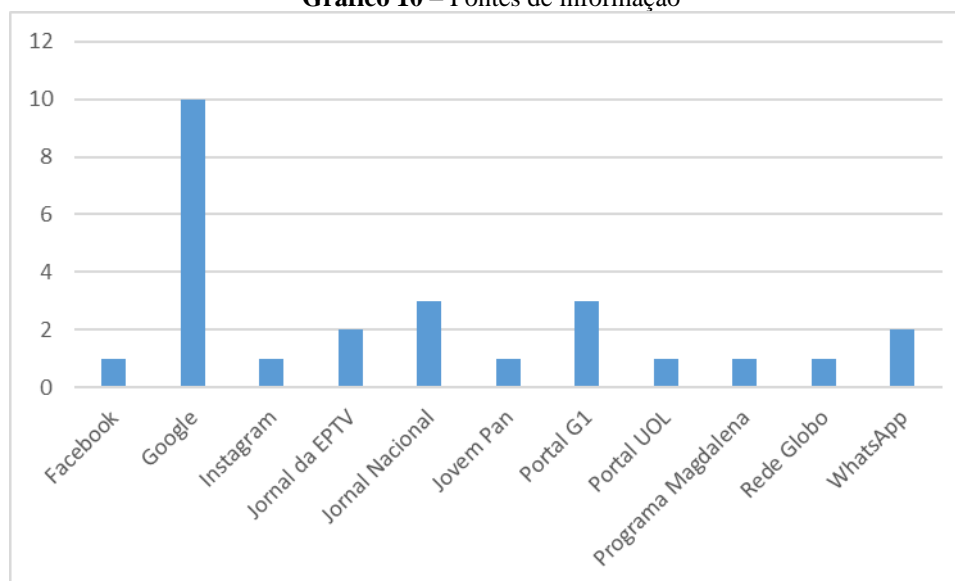
Gráfico 9 – Acesso aos meios de comunicação



Fonte: Dados do autor, 2019.

Esta primeira constatação leva-nos a questionar o modo pelo qual esses agentes se relacionam com informações, ou melhor, pensando a informação enquanto um bem simbólico (Santos, 2015) como se dá o consumo destes bem no dia a dia de nossos interlocutores? Sobre este consumo simbólico, ou sobre esta busca por informações, temos na rotina de nossos interlocutores os seguintes dispositivos midiáticos:

Gráfico 10 – Fontes de informação



Fonte: Dados do autor, 2019.

Por hora, apontamos a relevância do conceito de trajetória em nosso estudo, na medida em que ele permite olhar de maneira relacional para uma noção de prática pensada enquanto uma relação dialética entre o lugar social e as disposições do *habitus* de cada agente, lembrando que “uma das funções da noção de *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes [...]” (Bourdieu, 1996, p. 21). Um olhar que tem como pressuposto, aquilo que Bourdieu nomeia de “problema da política” (Bourdieu, 2007, p. 429), ou seja, a transformação das experiências vividas e propiciadas por cada trajetória individual ou de classe em prática, em um discurso político sobre as coisas da política.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra travessia**, 2005, p. 9-16. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/download/12576/11743>. Acesso em: 14 jan. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- SANTOS, Alexandre Aparecido dos. **A produção de informação como uma questão de poder na disputa eleitoral de 2010**. 122 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/126518>. Acesso em: 06 fev. 2025.
- SANTOS, Alexandre Aparecido dos. A prática escapa à regra? Um estudo sobre mídia, trajetória e política no cotidiano. **Anais da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia**, Brasília. 2019. Disponível em: <http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/T-170>. Acesso em: 06 fev. 2025.